

ASSISTÊNCIA INTEGRAL E HUMANIZADA DA ENFERMAGEM NOS CUIDADOS PALIATIVOS EM DOENÇAS ONCOLÓGICAS

Larissa Gabriele Gonçalves da Silva¹; Júlia Cristina de Araújo Medeiros¹; Fabrício da Silva Prates^{2*}

¹ Graduanda em Enfermagem, Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS; ² MBA em Gestão Pública – FABRAS, Esp. em Gestão em Saúde – UNIP, Farmacêutico – FITL/AEMS, docente das Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

* autor correspondente: fabriciofarmac@gmail.com

RESUMO

Os cuidados paliativos são uma forma de assistência integral oferecida ao paciente e à família, com o objetivo de proporcionar conforto a pessoas com doenças terminais. A assistência deve ser humanizada, garantindo que o paciente seja tratado com dignidade nos momentos em que mais precisa de apoio. Os cuidados profissionais oferecem segurança aos familiares, que estão lidando com um ente querido em um momento delicado. Em razão do sofrimento e da dor que acompanham o processo de uma doença crônica, esse tema é de extrema importância para a sociedade, pois busca promover a aceitação e o cuidado tanto da doença quanto do paciente e de sua família. O enfermeiro desempenha um papel essencial ao oferecer conforto e melhorar a qualidade de vida nos últimos momentos.

PALAVRAS-CHAVE: cuidados paliativos; oncologia; quimioterápicos; atuação da enfermagem; doenças terminais.

1 INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos são uma abordagem multidisciplinar que visa proporcionar conforto e melhorar a qualidade de vida de pacientes que enfrentam doenças graves ou terminais. Essa forma de assistência abrange não apenas o alívio dos sintomas físicos, como dor e falta de ar, mas também cuidados emocionais, sociais e espirituais (GOMES; OTHERO, 2016).

Durante os cuidados paliativos, é essencial abordar temas como a

aceitação da morte, o processo da doença e os sintomas que podem debilitar o paciente. Essas discussões são fundamentais para que todos possam lidar com o processo de uma forma mais compreensiva e menos dolorosa (SILVA; NIETSHE; COGO, 2022).

A atenção paliativa tem suas origens no final do século XX, com o desenvolvimento do movimento *hospice* liderado por Cicely Saunders, uma médica britânica e pioneira nessa área. Em meados da década de 1960, Saunders começa a enfatizar a importância de

proporcionar cuidados abrangentes e compassivos para pacientes em fase terminal. Em 1967, ela funda o St. Christopher's Hospice, em Londres, que se torna o modelo para os *hospices* modernos ao redor do mundo (MENDES; VASCONCELLOS, 2015).

O conceito de cuidados paliativos se evolui ao longo dos anos, passa de um enfoque exclusivo em pacientes com câncer terminal para abranger também outras condições de saúde. Na década de 1980, o movimento *hospice* se espalha para os Estados Unidos da América, onde é incorporado aos sistemas de saúde e passa a receber apoio financeiro (SILVA; NIETSHE; COGO, 2022).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) desempenha um papel fundamental na disseminação e no desenvolvimento dos cuidados paliativos. Em 1986, a OMS lança o programa "Cuidados Paliativos para Alívio da Dor e dos Sintomas" e, em 1990, publica as primeiras diretrizes para cuidados paliativos. Em 2002, essas diretrizes são revisadas e ajudam a estabelecer padrões internacionais para a prática dos cuidados paliativos (SILVA; NIETSHE; COGO, 2022). Desde então, os cuidados paliativos têm se expandido globalmente, com um crescente reconhecimento de sua importância na assistência à saúde. Organizações e instituições especializadas são criadas para promover e desenvolver a prática dos cuidados paliativos em todo o mundo (FRANCO et al., 2018).

O estado terminal se refere a uma fase avançada de uma doença em que não há perspectiva de cura ou de tratamentos que possam reverter o quadro clínico. É um estágio em que os sintomas são intensos e os cuidados paliativos se tornam essenciais para proporcionar conforto e qualidade de vida ao paciente (PARAIZO-HORVATH et al., 2022). É comum que o foco dos cuidados se volte para o controle da dor, o alívio dos sintomas e o suporte emocional para o paciente e para seus familiares. A

equipe de saúde desempenha papel fundamental nesse momento ao oferecer cuidados individualizados e respeitar as preferências e desejos do paciente. O objetivo principal é garantir que o paciente viva seus últimos momentos com dignidade e respeito e receber o apoio necessário para enfrentar essa fase difícil (PARAIZO-HORVATH et al., 2022).

O campo dos cuidados paliativos continua a evoluir, adapta-se às necessidades e desafios enfrentados na prestação de cuidados aos pacientes terminais. A pesquisa e a educação também têm se expandido na busca de melhorar ainda mais a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias durante os momentos finais da vida (CECCONELLO; ERBS; GEISER, 2022).

Na área da oncologia, a enfermagem junto com a equipe multidisciplinar desempenha um papel fundamental no suporte ao paciente com essa patologia em estado terminal. Nessa etapa, o paciente vai gradualmente compreendendo sua realidade e os limites impostos pela doença, supera a raiva e desenvolve uma visão mais serena em relação ao seu destino e inclui a compreensão da própria morte como parte natural do processo (PRADO et al., 2019).

O enfermeiro atua como um facilitador nesse processo ao oferecer suporte emocional, informação adequada e um ambiente acolhedor para que o paciente possa expressar seus sentimentos e medos. Por meio de uma abordagem empática e compassiva, o enfermeiro auxilia o paciente a encontrar uma nova perspectiva, ajudando-o a enfrentar as dificuldades e a encontrar um equilíbrio emocional diante da situação (PRADO et al., 2019).

Os profissionais de saúde, incluindo médicos, enfermeiros e equipes de apoio, trabalham em conjunto para aliviar o sofrimento do paciente e de seus familiares ao oferecer suporte integral durante todo o processo de doença. Os cuidados paliativos se concentram na

promoção do conforto, na preservação da dignidade e no respeito às escolhas e desejos do paciente e permitir que eles vivam seus dias restantes com o máximo de qualidade possível (GOMES; OTHERO, 2016).

O objetivo deste trabalho é destacar o papel crucial da enfermagem nos cuidados paliativos em oncologia para os pacientes e para seus familiares. Aborda-se a importância da atuação dos enfermeiros como parte da equipe multidisciplinar, destaca-se os diversos tipos de cuidados que devem ser fornecidos aos pacientes. Explora-se as responsabilidades e competências específicas dos profissionais ao ressaltar a sua contribuição fundamental para garantir o bem-estar e o conforto dos pacientes durante essa fase delicada.

Realizou-se a pesquisa bibliográfica em literatura científica nacional e internacional publicada em livros e artigos científicos; estes indexados em plataformas de pesquisa como PubMed, Scielo e Lilacs. Dentre os descritores utilizados incluíram-se cuidados paliativos, oncologia, quimioterápicos; atuação da enfermagem e doenças terminais.

2 PROCESSO SAÚDE-DOENÇA EM ONCOLOGIA

O câncer é um termo que engloba cerca de cem tipos diferentes de doenças, cada um com suas próprias causas específicas. Essa condição é caracterizada pelo crescimento descontrolado das células, que invadem os tecidos e órgãos, e pode se espalhar para outras partes do corpo e resultar em metástases. O câncer é uma doença complexa e multifatorial, envolve fatores ambientais e genéticos em sua origem e desenvolvimento (MATOS et al., 2022).

Atualmente, essa patologia é a segunda principal causa de morte globalmente, com 75% dos óbitos relacionados a essa doença ocorrendo em países de baixa e média renda, como é o caso do

Brasil. Além disso, é preocupante observar um aumento constante no número de novos casos diagnosticados a cada ano, o que acarreta um impacto econômico significativo, especialmente nessas regiões (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

As doenças oncológicas são reconhecidas em nível nacional e global como um problema complexo de saúde pública devido a sua importância epidemiológica, social e econômica. Essa doença envolve uma combinação de fatores biológicos, endócrinos, vida reprodutiva, comportamentais e estilo de vida e torna-se uma condição heterogênea e multifatorial (COSTA et al., 2021).

A prevenção primária está diretamente relacionada ao controle dos fatores de risco, especialmente aqueles relacionados ao estilo de vida, além do diagnóstico precoce por meio do rastreamento em pacientes com sinais e sintomas da doença (COSTA et al., 2021).

2.1 Câncer a nível celular

O câncer é uma doença que ocorre a nível celular; se desenvolve quando células do corpo começam a se multiplicar de forma descontrolada, forma tumores ou invadem outros tecidos e órgãos. Normalmente, as células do nosso corpo seguem um ciclo de crescimento, divisão e morte programada, chamado de apoptose. No entanto, no câncer, ocorrem alterações genéticas ou epigenéticas que interrompem esse equilíbrio e levam as células a se multiplicarem de forma desordenada (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

Essas alterações podem ocorrer em diferentes genes que controlam o crescimento, a divisão e a morte celular programada. Algumas dessas alterações podem levar ao crescimento acelerado das células (oncogenes ativados), enquanto outras podem inibir a morte celular programada (genes supressores de tumor inativados). Com o tempo, as células cancerígenas podem se acumular e formar um tumor primário. Além disso, essas células também podem se

espalhar para outras partes do corpo, através do sistema linfático ou da corrente sanguínea e formar metástases em órgãos distantes (AOYAMA et al., 2019).

O estudo do câncer, a nível celular, é crucial para entender as bases moleculares da doença, identificar alvos terapêuticos e desenvolver tratamentos mais eficazes. A pesquisa continua avançando nessa área para compreender melhor as alterações genéticas e epigenéticas que ocorrem nas células cancerígenas e como elas interagem com o microambiente tumoral. Isso tem levado ao desenvolvimento de terapias mais direcionadas, como terapia-alvo e

imunoterapia, que visam especificamente as características das células cancerígenas e minimizam os danos às células normais do organismo (COSTA et al., 2021).

2.2 Sintomática do câncer em pacientes terminais

Os sintomas causados em pacientes terminais de câncer podem variar dependendo do tipo e estágio, bem como das condições específicas de cada um, como descrito no Quadro 1. À medida que a doença progride, podem ocorrer sintomas físicos e emocionais (MENDES; VASCONCELLOS, 2015).

Quadro 1. Sintomas de pacientes terminais acometidos pelo câncer.

SINTOMAS	DESCRIÇÃO
Dor	A dor é um sintoma frequente em pacientes com câncer em estágio terminal. Pode se localizar no local do tumor ou se generalizar. O controle adequado da dor é essencial para garantir o conforto do paciente.
Fadiga extrema	A fadiga intensa é comum em pacientes terminais de câncer. Pode ser causada pelo próprio câncer, pelos tratamentos ou pela diminuição do apetite e da energia.
Perda de apetite	Muitos pacientes com câncer terminal perdem o apetite, o que pode levar à perda de peso significativa e desnutrição.
Náuseas e vômitos	Esses sintomas podem ser causados pelo câncer em si, pelo tratamento ou pela presença de metástases em órgãos como o fígado ou o cérebro.
Dificuldade para respirar	Dependendo da localização do câncer e do envolvimento do sistema respiratório, os pacientes terminais podem apresentar falta de ar ou dispnéia.
Alterações cognitivas	O câncer em estágio terminal pode afetar a função cerebral, levando a alterações cognitivas, como confusão mental, dificuldade de concentração e lapsos de memória.
Alterações emocionais	A ansiedade, a depressão, a tristeza e o medo são emoções comuns em pacientes terminais de câncer.

Fonte: Adaptado de Mendes e Vasconcellos, 2015.

Cada paciente é único e pode experimentar sintomas diferentes durante a fase terminal do câncer. Nesse contexto, os cuidados paliativos desempenham papel fundamental no manejo e alívio desses sintomas para proporcionar conforto físico, emocional e espiritual ao paciente (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

Uma equipe multidisciplinar de profissionais de saúde especializados em cuidados paliativos trabalha em conjunto para oferecer um suporte abrangente ao paciente em estado terminal e aos seus

familiares. O objetivo é melhorar a qualidade de vida do paciente ao oferecer assistência personalizada e adaptada às suas necessidades, durante essa fase desafiadora (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

3 A ENFERMAGEM NA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE PACIENTES TERMINAIS ONCOLÓGICOS

Os cuidados paliativos são uma forma de assistência oferecida por uma equipe multidisciplinar, com o objetivo de

melhorar a qualidade de vida do paciente e de sua família. Essa abordagem visa prevenir e reduzir o sofrimento, por meio da identificação precoce, avaliação adequada e tratamento dos sintomas físicos, psicológicos, espirituais e sociais associados à doença. Durante os cuidados paliativos, é essencial abordar temas como a aceitação da morte, o processo da doença e os sintomas que podem debilitar o paciente. Essas discussões são fundamentais para que todos possam lidar com o processo de uma forma mais compreensiva e menos dolorosa (SILVA; NIETSHE; COGO, 2022).

A atuação da enfermagem na equipe multidisciplinar é fundamental no cuidado de pacientes terminais oncológicos. Os enfermeiros desempenham papel essencial na coordenação e na prestação de cuidados abrangentes e individualizados para proporcionar conforto físico, emocional e espiritual aos pacientes e seus familiares (DA SILVA et al., 2013).

Os enfermeiros realizam avaliações regulares do estado de saúde do paciente terminal, monitora os sinais vitais, avalia o controle de sintomas e identifica possíveis complicações. Têm conhecimento especializado no manejo de sintomas relacionados ao câncer terminal, como dor, fadiga, náuseas, dispneia e ansiedade. Eles implementam estratégias adequadas de alívio desses sintomas, como o uso de medicamentos, terapias não farmacológicas e técnicas de conforto (SILVA et al., 2016).

Esses profissionais oferecem suporte emocional e psicossocial aos pacientes terminais e seus familiares, ajudam a lidar com o estresse, a ansiedade e as incertezas associadas ao processo de enfrentar a doença terminal. Eles fornecem informações e orientações sobre cuidados paliativos, discutem opções de cuidados e ajudam na tomada de decisões (EVANGELISTA et al., 2022).

Um ponto importante é na educação dos pacientes e seus familiares

sobre a doença, tratamentos, cuidados paliativos e opções de suporte disponíveis. Eles fornecem orientações práticas sobre autocuidado, administração de medicamentos, controle de sintomas e cuidados paliativos em casa (MATOS et al., 2022).

A enfermagem representa a ligação entre os diferentes membros da equipe multidisciplinar, garante comunicação efetiva e a coordenação adequada dos cuidados. Colaboram com médicos, assistentes sociais, psicólogos, terapeutas, farmacêuticos e outros profissionais para garantir uma abordagem integrada e holística no cuidado ao paciente (MATOS et al., 2022).

O respeito à autonomia do paciente nos cuidados paliativos é de extrema importância. O foco principal é garantir dignidade em um momento de fragilidade emocional. A sensação de independência é crucial para reduzir a angústia decorrente das dificuldades em realizar atividades cotidianas. Portanto, é fundamental oferecer ao enfermo a oportunidade de tomar decisões por si próprio, respeitar suas escolhas e preferências (EVANGELISTA et al., 2022).

A equipe de enfermagem não se resume a executar as atividades em nome do paciente, mas sim a encorajá-lo a realizá-las, mesmo que com dificuldades, a fim de promover sua independência e respeitar suas limitações (SILVA; NIETSCHKE; COGO, 2020).

O enfermeiro que atua em cuidados paliativos deve ter compreensão de que cada pessoa tem sua própria espiritualidade e valores que influenciam a maneira como lidam com o processo de uma doença terminal. Portanto, é essencial respeitar as individualidades dos pacientes e seus familiares, reconhecer e acolher suas crenças, práticas religiosas e sistemas de apoio. Essa abordagem respeitosa e sensível contribui para um cuidado mais integral e humanizado, pois leva em consideração as necessidades e preferências de cada indivíduo

envolvido (CECCONELLO; ERBS; GEISLER, 2022).

O profissional desempenha papel fundamental ao fornecer cuidados básicos e atender às necessidades essenciais do paciente em estado terminal. Além disso, é crucial que esse profissional compreenda que o processo de enfrentar uma doença terminal pode gerar sérios transtornos emocionais. Portanto, é importante que o profissional esteja preparado para lidar com essas questões e tenha habilidades e sensibilidade necessárias para oferecer apoio emocional adequado. Ao fazê-lo, contribui-se para amenizar a angústia da família e do paciente ao promover um ambiente de aceitação e cuidado durante esse período delicado (SOUZA et al., 2022).

O cuidado paliativo é uma forma de assistência que visa melhorar a qualidade de vida do paciente em seus momentos finais. No caso de pacientes oncológicos, o papel do enfermeiro é de extrema importância durante a fase de aceitação. Nesse estágio, o paciente passa por um processo gradual de compreensão de sua realidade e dos limites impostos pela doença (GOMES; OTHERO, 2016).

O enfermeiro atua como um apoio fundamental nesse processo ao fornecer suporte emocional e físico ao paciente. Por meio de uma abordagem compassiva e empática, o enfermeiro auxilia o paciente a superar sentimentos de raiva e ressentimento, e auxilia na construção de uma visão mais serena em relação ao seu destino (DE ANDRADE et al., 2019). Durante essa fase, o enfermeiro também desempenha um papel importante ao ajudar o paciente a compreender e aceitar a própria morte como parte natural do processo de vida. Essa compreensão permite que o paciente encontre serenidade e paz, e possa aproveitar ao máximo o tempo que lhe resta (PRADO et al., 2019).

O papel do enfermeiro é desempenhar como um facilitador nesse estágio

avanzado da doença ao fornecer apoio emocional, oferecer informações apropriadas e criar um ambiente acolhedor que permita ao paciente expressar suas emoções e preocupações (PRADO et al., 2019).

O enfermeiro trabalha em conjunto com o paciente, com empatia e compaixão, para encontrar uma nova perspectiva, auxiliando-o a enfrentar os desafios e alcançar um equilíbrio emocional diante dessa situação (DA SILVA et al., 2013).

As ações técnicas se referem às responsabilidades atribuídas aos profissionais no cuidado de pacientes em fase terminal. Essas funções devem ser desempenhadas de maneira responsável e humanizada e levar em consideração as necessidades físicas e emocionais do paciente (SOUZA et al., 2022).

À medida que o tempo passa, é natural que o enfermeiro desenvolva uma rotina ao lidar com pacientes em fase terminal. Essa rotina é o resultado da experiência acumulada e do conhecimento adquirido ao longo do tempo. No entanto, é importante ressaltar que cada paciente é único e que o cuidado deve ser adaptado a suas necessidades individuais (SOUZA et al., 2022).

4 ASSISTÊNCIA PRESTADA PELA ENFERMAGEM

Os cuidados paliativos são uma forma abrangente de assistência prestada aos pacientes com doenças terminais para proporcionar conforto físico, emocional e espiritual. Essa assistência é oferecida de maneira integral ao paciente e a sua família, com o objetivo de garantir que o paciente seja tratado com dignidade e respeito durante os momentos mais difíceis de sua vida (GOMES; OTHERO, 2016).

O enfermeiro desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois é responsável por proporcionar conforto, cuidado holístico e promover uma

melhor qualidade de vida nos momentos finais. Com sua presença atenciosa e compreensiva, o enfermeiro contribui para que o paciente e sua família enfrentem essa fase de forma mais digna e tranquila ao oferecer suporte emocional, gerenciamento de sintomas e auxiliando na tomada de decisões compartilhadas (VERRI et al., 2019).

Em resumo, os cuidados paliativos são uma abordagem humanizada e integrada, que busca oferecer suporte integral ao paciente e à sua família durante o processo de doença terminal. É uma forma de cuidado que visa garantir que o paciente seja tratado com dignidade, conforto e qualidade de vida, ao mesmo tempo em que apoia emocionalmente e acolhe os familiares nesse momento desafiador. O enfermeiro desempenha um papel crucial nessa assistência ao proporcionar conforto físico, apoio emocional e cuidado compassivo para promover o bem-estar e a serenidade nos últimos momentos da vida (MENDES; VASCONCELLOS, 2015).

4.1 Atendimento humanizado aos pacientes

A abordagem dos cuidados paliativos requer uma atenção especial à humanização, assegurando que o paciente receba um cuidado compassivo e personalizado. É fundamental reconhecer a importância de oferecer suporte emocional, alívio da dor e de outros sintomas, além de promover a melhoria da qualidade de vida do paciente. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha um papel crucial ao fornecer conforto e apoio físico e psicossocial para que o paciente e sua família possam enfrentar essa fase com mais serenidade (GOMES; OTHERO, 2016).

O cuidado humanizado pode ser descrito como o reconhecimento e compreensão do significado da vida, bem como a capacidade de perceber, compreender e valorizar a si mesmo e aos outros. Se baseia na valorização da

individualidade e na história pessoal de cada indivíduo, assim busca fornecer cuidados de forma personalizada e respeito a suas necessidades e desejos (SANTOS, 2019).

Na prática de cuidar, o cuidado humanizado envolve uma abordagem que reconhece a singularidade de cada pessoa e leva em consideração suas características, experiências e emoções. Isso significa que o cuidado é oferecido de maneira compassiva, empática e sensível com consideração à dignidade e a autonomia do indivíduo (SANTOS, 2019).

Os profissionais de saúde, ao adotar uma abordagem humanizada, buscam estabelecer uma relação de confiança e respeito com os pacientes ao ouvir suas preocupações, envolvê-los nas decisões relacionadas ao seu cuidado e oferecer apoio emocional. Isso permite que os pacientes se sintam mais compreendidos, acolhidos e respeitados em sua individualidade (DA SILVA et al., 2013). Além disso, o cuidado humanizado também se estende aos aspectos físicos ao garantir que o conforto e o bem-estar do paciente sejam priorizados. Isso pode envolver o alívio da dor, o fornecimento de cuidados higiênicos adequados, a promoção da autonomia e o respeito à privacidade (DE ANDRADE et al., 2019).

Em suma, o cuidado humanizado busca proporcionar uma abordagem de cuidado centrada na pessoa, leva em consideração suas características individuais, necessidades e desejos. Valoriza a compreensão e respeito mútuo ao buscar proporcionar um ambiente de cuidado acolhedor e empático. Essa abordagem contribui para uma experiência de cuidado mais positiva e efetiva para os pacientes e para os profissionais de saúde (DE ANDRADE et al., 2019).

A necessidade de assistência humanizada se torna ainda mais evidente quando as medidas tomadas para o bem-estar do paciente visam o conforto.

O estado emocional de um paciente em fase terminal se fragiliza com o diagnóstico. Para que a fase seja menos dolorosa, é fundamental que esteja em um ambiente saudável, que lhe proporcione conforto, atendimento adequado e cuidados especiais (CECCONELLO; ERBS; GEISER, 2022).

O cuidado humanizado vai além do aspecto técnico e busca estabelecer uma relação de empatia, respeito e dignidade com o paciente. Envolve ouvir atentamente suas necessidades, medos e expectativas ao considerar os aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais. O enfermeiro, ao adotar uma abordagem humanizada, reconhece a importância da relação terapêutica baseada na confiança e na valorização da individualidade de cada pessoa (SANTOS, 2019).

Esse tipo de cuidado busca promover o bem-estar integral do paciente, proporcionar um ambiente acolhedor e seguro, onde ele se sinta compreendido e respeitado em suas particularidades. O cuidado humanizado valoriza a autonomia do paciente, permite que ele participe ativamente das decisões relacionadas ao seu cuidado com respeito a suas preferências e crenças (SANTOS, 2019).

O enfermeiro, ao adotar uma abordagem humanizada, reconhece a importância do cuidado centrado na pessoa, coloca o paciente como protagonista de sua própria saúde e cuidado. Isso envolve estar atento às necessidades individuais de cada pessoa e adaptar o cuidado de acordo com suas características e preferências, assim promover uma experiência de cuidado mais significativa e efetiva (SANTOS, 2019).

Além das habilidades técnicas, o enfermeiro também desempenha um papel fundamental no apoio emocional do paciente e de seus familiares. Isso envolve fornecer um ambiente acolhedor, oferecer suporte emocional, escutar atentamente suas preocupações e

medos, e estar presente para fornecer conforto e alívio (SANTOS, 2019).

O cuidado em fase terminal requer empatia, compaixão e respeito pela dignidade do paciente. O enfermeiro desempenha um papel crucial ao proporcionar cuidados que visam aliviar a dor, promover o conforto e garantir que o paciente tenha uma qualidade de vida o mais alta possível durante esse período desafiador (SANTOS, 2019). Portanto, as ações técnicas desempenhadas pelo enfermeiro ao cuidar de pacientes em fase terminal são complementadas pela abordagem humanizada, que reconhece a importância de tratar o paciente com dignidade, respeito e compaixão. Essa combinação de habilidades técnicas e sensibilidade emocional contribui para uma experiência de cuidado mais significativa e de qualidade para o paciente e seus entes queridos (VERRI et al., 2019).

4.2 Orientação para os familiares de doentes oncológicos

A questão dos cuidados paliativos é de extrema relevância para a sociedade, pois se trata de oferecer suporte e aceitação em momentos de sofrimento e dor decorrentes de doenças crônicas. É fundamental que haja compreensão e aceitação por parte da família e do paciente, para que eles se sintam amparados e acolhidos durante essa jornada. O cuidado paliativo não se limita apenas ao tratamento da doença, mas também aborda as necessidades físicas, emocionais e espirituais do paciente e de seus entes queridos (MENDES; VASCONCELLOS, 2015).

O profissional de saúde enfrenta diversos desafios ao assegurar a qualidade da assistência, e um deles envolve lidar com a resistência por parte das famílias dos pacientes. O enfermeiro desempenha papel essencial ao cuidar de pacientes em fase terminal ao buscar diminuir o sofrimento e melhorar a qualidade de vida enquanto houver vida

(SILVA; FLORES, 2015).

Além do suporte ao paciente, o enfermeiro também presta assistência à família, ajudando-os a lidar com suas próprias emoções e reações diante da situação. Por meio de um cuidado humanizado, o enfermeiro busca criar um ambiente acolhedor e empático, promover uma melhor qualidade de vida para o paciente e seus entes queridos (PRADO et al., 2019).

A família desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente propício para o conforto do paciente em estado terminal. Portanto, a relação do enfermeiro com o paciente nessa fase deve ser abrangente, pois a aceitação por parte dos familiares é essencial para garantir um atendimento de qualidade (CECCONELLO; ERBS; GEISLER, 2022).

O processo de enfrentar a fase terminal é vivido por todos os envolvidos, e o enfermeiro deve ter habilidades para lidar de forma adequada, auxiliando-os a aceitar a morte e as consequências da doença. É importante que o enfermeiro esteja presente para oferecer apoio emocional, esclarecer dúvidas e proporcionar um ambiente acolhedor durante esse período delicado (CECCONELLO; ERBS; GEISLER, 2022).

O processo começa com o diagnóstico, quando a família recebe a notícia, o que requer o estabelecimento de uma estratégia em conjunto para obter o melhor tratamento para o paciente. A fragilidade emocional surge como resultado dessa situação, e as famílias lidam com angústia e incertezas, precisam tomar decisões rápidas em prol do bem-estar do paciente. Além disso, há também o ônus financeiro do tratamento que a família deve assumir, fato que muitas vezes não tem condições de se sustentar (PRADO et al., 2022).

O enfermeiro desempenha um papel crucial no alívio da dor experimentada pela família ao lidar com o diagnóstico da doença. Com o tempo, a doença

progredir no organismo do paciente, e na fase terminal, a condição se torna ainda mais grave, sem possibilidade de cura. Portanto, o processo de aceitação por parte dos familiares é extremamente desafiador, uma vez que se deparam com uma situação que está além de seu controle (SILVA; FLORES, 2015).

Muitas vezes, os familiares podem não compreender a abordagem dos cuidados paliativos e acreditam que o enfermeiro deve fazer tudo o que for possível para prolongar a vida do paciente. No entanto, é importante esclarecer a condição do paciente e os objetivos dos cuidados paliativos, que visam proporcionar conforto e qualidade de vida durante o processo de doença terminal. Parte desse processo envolve lidar com o luto dos familiares, que podem enfrentar dificuldades emocionais ao enfrentar a perda iminente. É essencial envolver a família no processo de cuidados e fornecer suporte psicológico antes, durante e após a morte do paciente. Dessa forma, eles têm condições psicológicas para enfrentar a perda e lidar com as consequências emocionais que surgem a partir dela (PRADO et al., 2022).

4.3 Atenção aos sintomas típicos

Os sintomas do câncer em pacientes terminais podem variar de acordo com o tipo e estágio da doença, bem como com as características individuais de cada paciente. Conforme a doença avança, é comum a manifestação de sintomas físicos e emocionais. Os sintomas físicos podem incluir dor, fadiga, perda de apetite, náuseas, dificuldade respiratória e alterações cognitivas. Já os sintomas emocionais podem envolver ansiedade, depressão, medo e tristeza (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

A abordagem de cuidados paliativos visa o alívio e controle dos sintomas ao promover conforto e bem-estar do paciente durante essa fase. Uma equipe de profissionais de saúde especializados em cuidados paliativos trabalha em

conjunto para oferecer suporte integral ao paciente terminal e adaptar os cuidados de acordo com suas necessidades individuais (NOGUEIRA; LIMA, 2018).

Existem situações em que o indivíduo pode não ter consciência de sua condição, o que amplia a complexidade do papel do enfermeiro. Nessas circunstâncias, o enfermeiro não tem recursos terapêuticos para oferecer ao paciente, porém desempenha uma função essencial ao fornecer cuidados paliativos com o objetivo de garantir conforto físico, emocional e espiritual (CECCONELLO; ERBS; GEISER, 2022).

Os pacientes em estágio terminal devem compreender que, mesmo diante da gravidade da doença, têm direito a receber cuidados adequados para aliviar os efeitos negativos da enfermidade. É fundamental assegurar que sejam tratados com dignidade ao atender suas necessidades, respeitar sua autonomia e oferecer apoio para enfrentar a doença da melhor maneira possível (SILVA; NIETSCHE; COGO, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cuidados paliativos têm como objetivo promover a dignidade e a autonomia dos pacientes terminais oncológicos, respeitando suas preferências e garantindo que suas necessidades sejam atendidas. A comunicação efetiva, a escuta ativa e a empatia são fundamentais nesse processo, permitindo a criação de uma relação de confiança entre os profissionais de saúde e os pacientes. Devem ter início o mais cedo possível e se integrar ao tratamento oncológico desde o diagnóstico. Dessa forma, é possível garantir uma abordagem abrangente e contínua e oferecer suporte aos pacientes e seus familiares em todas as etapas da doença.

O enfermeiro desempenha um papel crucial na prestação de cuidados paliativos, tanto para a família quanto para o paciente. Além das responsabilidades

técnicas, o profissional é encarregado de fornecer cuidados de forma responsável e humanizada ao paciente em fase terminal. Com o tempo, uma rotina é estabelecida, o que contribui para a experiência do enfermeiro no cuidado do paciente em fase terminal.

A rotina de cuidados para um paciente terminal engloba cuidados básicos essenciais para a manutenção da vida humana, como higiene pessoal, garantir a hidratação adequada e outros procedimentos relacionados à assistência. É importante ressaltar a importância da autonomia do paciente, sendo orientado para realizar as atividades que ainda possui capacidade, mesmo com o auxílio de um profissional. Isso contribui para elevar a autoestima do paciente, refletindo em uma melhor qualidade de vida.

A importância de uma assistência humanizada torna-se ainda mais evidente quando as medidas adotadas para promover o bem-estar do paciente são voltadas para o conforto. O estado emocional de um paciente em fase terminal tende a se fragilizar com o diagnóstico. A fim de tornar essa fase menos dolorosa, é fundamental que o paciente esteja em um ambiente saudável, que lhe proporcione conforto, atendimento adequado e cuidados especiais.

A experiência de lidar com a fase terminal é compartilhada por todos os envolvidos, e o enfermeiro desempenha um papel fundamental ao possuir habilidades adequadas para auxiliá-los a aceitar a morte e as consequências da doença para o paciente. É essencial que o enfermeiro esteja presente, oferecendo apoio emocional, esclarecendo dúvidas e criando um ambiente acolhedor durante esse período delicado.

Essa assistência em pacientes terminais oncológicos são uma abordagem humanizada e compassiva, que visa proporcionar conforto, qualidade de vida e dignidade durante essa fase final da vida. A equipe multidisciplinar, incluindo os enfermeiros, desempenha um papel

fundamental nesse processo, trabalhando em conjunto para oferecer cuidados individualizados e apoio integral aos pacientes e suas famílias.

REFERÊNCIAS

AOYAMA, E. A. et al. Assistência de enfermagem na prevenção do câncer de colo do útero. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 2, n. 1, p. 162-170, 2019.

CECCONELLO, L.; ERBS, E. G.; GEISLER, L. Condutas éticas e o cuidado ao paciente terminal. *Revista Bioética*, v. 30, n. 02, jun. 2022.

COSTA, L. S. et al. Fatores de risco relacionados ao câncer de mama e a importância da detecção precoce para a saúde da mulher. *Revista Eletrônica Acervo Científico*, v. 31, n. 01. p. e8174-e8174, 2021.

DA SILVA, T. P. et al. Cuidados de enfermagem à criança com câncer: uma revisão integrativa da literatura. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 3, n. 1, p. 68-78, 2013.

EVANGELISTA, C. B. et al. Nurses' performance in palliative care: spiritual care in the light of Theory of Human Caring. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 01, 2022.

FRANCO, H. C. P. et al. Papel da enfermagem na equipe de cuidados paliativos: a humanização no processo da morte e morrer. *Revista de enfermagem UFPE, Recife*, v. 12, n. 9, p. 2399-2406, set. 2018.

GOMES, A. L. Z.; OTHERO, M. B. Cuidados paliativos. *Estudos avançados*, v. 30, n. 01, p. 155-166, 2016.

MATOS, D. S. et al. Significado da atuação da equipe de enfermagem para o paciente com câncer, *Belo Horizonte*, 2022.

MENDES, E. C.; VASCONCELLOS, L. C. F. Cuidados paliativos no câncer e os princípios doutrinários do SUS. *Saúde em Debate*, v. 39, n. 01, p. 881-892, 2015.

NOGUEIRA, H. S.; LIMA, W. P. Câncer, sistema imunológico e exercício físico: uma revisão narrativa. *Corpoconsciência*, v. 22, n. 01, p. 40-52, 2018.

PARAIZO-HORVATH, C. M. S. et al. Identificação de pessoas para cuidados paliativos na atenção primária: revisão integrativa. *Revista de Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 09, 2022.

PRADO, R. T. et al. Palliative care management by caregivers in home care: theoretical validation in a conversation circle. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 06, 2022.

SANTOS, B. C. Humanização do atendimento ao paciente oncológico: Uma revisão de literatura. 2019.

SILVA, R. S. et al. Atuação da equipe de enfermagem sob a ótica de familiares de pacientes em cuidados paliativos. *Revista Min de Enfermagem, Bahia*, 2016.

SILVA, T. C.; NIETSCHE, E. A.; COGO, S. B. Palliative care in Primary Health Care: an integrative literature review. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 75, n. 01, 2020.

SOUZA, M. O. L. S. et al. Reflexões de profissionais da enfermagem sobre cuidados paliativos. *Revista Bioética*, v. 30, n. 01, 2022.

VERRI, E. R. et al. Profissionais de enfermagem: compreensão sobre cuidados paliativos pediátricos. *Revista de enfermagem UFPE*, v. 13, n. 01, p. 126-136, 2019.